

PAISAGEM SONORA: UM ESTUDO DA VOZ HUMANA COMO SÍMBOLO SONORO

Fábio Miguel
UNESP

Doutorado em Música

SIMPOM: Subárea de Teoria e Prática da Execução Musical

Resumo: Essa comunicação oral é um panorama da tese defendida em abril de 2012, cujo os objetivos foram estudar a voz humana como símbolo sonoro no contexto do espaço acústico do bairro Jardim Utinga; compreender como os moradores se relacionam com esse som em meio a tantos outros. Neste panorama serão destacadas as origens do problema de pesquisa; uma síntese dos conceitos empregados, a saber: o conceito de evento sonoro simbólico de Schafer (2001), o conceito semiótico de cultura (sistema entrelaçado de signos interpretáveis) tal como foi formulado por Geertz (1989, 1997) e Representações Sociais cunhado por Moscovici (2007). Tais ideias foram utilizadas na interpretação das características simbólica de manifestações vocais de diferentes povos e épocas, bem como nos eventos sonoros ligados à voz no bairro em questão. Aborda-se em seguida como as informações foram obtidas por meio de gravação e questionário, para o mapeamento sonoro do local. Menciona-se um resumo da tabulação, enfatizando os sons encontrados, ligados à voz. A partir do mapeamento, afirma-se que no âmbito pesquisado há eventos sonoros relacionados à voz que, se examinados em profundidade, podem indicar muitas características da comunidade que os ouve e os produz. Por isso em seguida, listaram-se alguns exemplos de sons relacionados à produção vocal, dentre os diversos presentes na tese, analisando-os em seus aspectos simbólicos. Conclui-se que ao se considerar a voz como um evento sonoro simbólico, valoriza-se uma dimensão qualitativa na pesquisa do ambiente sonoro; além disso, o exame de manifestações vocais de outros povos e épocas, bem como no bairro pesquisado, evidencia o papel que a voz tem nos diferentes agrupamentos sociais de maneira que penetrar nesse fenômeno abre caminhos para uma Antropologia da Voz que mostra o homem e suas conexões com o outro e os demais seres vivos.

Palavras-chave: Música; Ecologia Acústica; Paisagem Sonora; Voz, Símbolo.

Soundscape: a study of human voice sound as a symbol

Abstract: This oral communication is an overview of thesis completed in April, whose objectives were to study the human voice sound like symbol in the context of the acoustic space of the neighborhood Garden Utinga; understand how residents relate to this sound amidst so many others. In this overview will highlight the origins of the research problem, a summary of the concepts employed, namely the concept of sound event symbolic of Schafer (2001), the semiotic concept of culture (interlaced system of signs interpretable) as formulated by Geertz (1989, 1997) and Social Representations coined by Moscovici (2007). These ideas were used in interpreting the symbolic characteristics of vocal expressions of other peoples and times, as well as in events connected to the voice sound in the neighborhood in question. Covers up then how the information was obtained by questionnaire and recording, sound mapping for the site. It is mentioned in a summary tab, emphasizing the sounds found. From the mapping, it is stated that under researched there sound events related to the voice that is examined in depth, can indicate many characteristics of the community that hears and produces. So then listed some examples of vocal sounds related to production, among many present in the thesis, analyzing them in their symbolic aspects. It is concluded that when considering the voice as a sound event symbolic value is a qualitative dimension in

search of the noise environment; Furthermore, examination of vocal expressions of other peoples and periods highlights the role that voice is on the different groupings social and study space, so penetrate this phenomenon opens the way for an Anthropology of voice that shows the man and their connections with each other and other living beings.

Keywords: Music; Ecology Acoustic; Soundscape; Voice; Symbol.

Esta pesquisa nasceu a partir da ideia de trabalhar com dois dos quatro princípios, enunciados por Schafer em seu livro *A afinação do mundo* (2001, p. 330), a saber: 1. respeito pelo ouvido e pela voz – quando o ouvido sofre um desvio de seu limiar ou a voz não pode ser ouvida, o ambiente é prejudicial; 2. consciência do simbolismo sonoro – que é sempre maior do que a sinalização funcional; 3. conhecimento dos ritmos e tempos da paisagem sonora natural; 4. compreensão do mecanismo de equilíbrio pelo qual uma paisagem sonora desequilibrada pode voltar a ser o que era. Esta obra deu suporte à pesquisa na medida em que possibilitou uma reflexão do estado de consciência das pessoas em relação ao ambiente sonoro contemporâneo, no que se refere aos efeitos causados por este sobre o comportamento de indivíduos e grupos sociais, bem como da interpretação dos significados referenciais dos sons de determinado ambiente. A partir do primeiro princípio (respeito pelo ouvido e pela voz) e do segundo princípio (consciência do simbolismo sonoro), realizou-se a pesquisa, em que a voz humana foi estudada em seus aspectos simbólicos, em relação a outros sons no bairro de Jardim Utinga em Santo André, São Paulo. Estes dois princípios foram escolhidos porque eles estavam intimamente ligados aos propósitos deste estudo que buscou contemplar a dimensão qualitativa de um ambiente acústico e os diversos aspectos subjetivos envolvidos nessa questão. Além disso, eles se relacionam aos conceitos dos outros autores que fundamentam esta investigação.

No ambiente sonoro hodierno, a voz humana tem perdido espaço para os sons mecânicos, tecnológicos e eletrônicos, fruto de um crescente desequilíbrio, que vem desde a Revolução Industrial (SCHAFER, 2002, p. 107). Desta forma quando determinados sons não são mais audíveis ou perdem seu valor na comunidade, alterações no plano simbólico podem ocorrer. Por exemplo, o sino da igreja de um bairro vizinho ao Jardim Utinga que, segundo participantes do seminário da pesquisa de mestrado, era ouvido há cerca de trinta ou quarenta anos, hoje, não é mais escutado; por consequência, as impressões, emoções e os pensamentos evocados por esse símbolo sonoro não podem mais ser despertados. A voz humana, como símbolo sonoro, vai além de sua funcionalidade, propiciando aos seus ouvintes experiências que, mesmo quando não expressas verbalmente, ficam armazenadas em sua mente e são capazes de gerar e reter relevantes mudanças.

Esta pesquisa permitiu um diálogo entre diferentes campos, e nesse sentido se estruturou a partir da relação de várias concepções elaboradas por diversos autores.

Pela importância da questão referente ao simbolismo sonoro tratado nesta pesquisa, ligada ao campo da Ecologia Acústica, fez-se, também, necessária a utilização de referencial provindo da Antropologia, que auxiliou na compreensão da voz como elemento simbólico. Acrescente-se que este estudo se desenvolveu a partir de uma concepção semiótica da cultura, tal como apresentada por GEERTZ (1989) e *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa* (1997). Segundo o autor, a cultura pode ser vista como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções – para governar o comportamento e tem como pressuposto que o pensamento humano é, basicamente, tanto social como público – está presente em núcleos mais internos, como por exemplo, o familiar e, também, em núcleos mais externos, como a rua, a praça – uma vez que está ligado aos símbolos significantes – palavras, gestos, sons musicais etc., ou seja, qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para dar uma significação à experiência. A partir dessa premissa, pôde-se entender que a voz como símbolo sonoro é uma parte do sistema geral de formas simbólicas, chamado cultura, que, do ponto de vista semiótico, é visto como um sistema entrelaçado de signos interpretáveis (símbolos), que permite, por meio da sua construção e desconstrução e de descrições de forma densa, compreender determinada comunidade.

Encontrou-se outro referencial teórico em Moscovici, quanto ao conceito de Representações Sociais concebido por ele, a partir de estudos em que buscou identificar as maneiras como a psicanálise penetrou o pensamento popular na França. A teoria das representações sociais é uma espécie de sociologia da Psicologia Social relatada no trabalho de Moscovici (2007 [1961], p. 9).

As Representações Sociais referem-se a ideias, concepções, sensações e sentimentos das pessoas acerca de determinada coisa em seu dia a dia; essas representações permitem que ideias, expressões linguísticas, explicações de diferentes origens sejam agregadas, combinadas e regulamentadas, mais ou menos como ciências diferentes. No compartilhar desse conhecimento comum entre as pessoas, elas não o sistematizam e não o colocam como “objeto”, deixando-o a certa distância, para que sejam observados; pelo contrário, elas mesmas estão implicadas em tudo isso. As representações sociais, portanto, correspondem a certo modelo recorrente e compreensivo de imagens, crenças e comportamentos simbólicos, ou seja, elas se ordenam ao redor de um tema, por exemplo: doença, saúde, meio ambiente, fomentando uma série de proposições que possibilita a classificação de coisas ou pessoas, e

possibilita que seus aspectos sejam descritos e seus sentimentos e ações explicados. As representações constituem-se, assim, uma rede de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e têm uma existência relacionada à sua utilidade, isto é, são marcadas por seu uso (2007, p. 209–10). Há, portanto, nas representações, uma busca por trazer o que está ausente à tona e apresentar coisas que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de racionalidade e integridade normativa do grupo, que se dá de maneira comunicativa e difusa, orientando as pessoas e os grupos na adaptação às coisas e dando ao fenômeno das representações sociais um caráter simbólico, o qual estabelece vínculo, constrói e evoca uma imagem, diz e faz com que se fale, partilha um significado, por meio de proposições transmissíveis (2007, p. 216).

O suporte encontrado nesses diferentes autores auxiliou na compreensão da voz como símbolo sonoro que, no bairro em questão, pela intensificação, sobretudo de ruídos mecânicos e tecnológicos e, principalmente, de trânsito na rua, tem perdido o seu espaço.

Esses conceitos, antes brevemente explanados, foram empregados com vistas a se pensar nas múltiplas dimensões da voz, enquanto símbolo, fomentadas pela relação da comunidade que a ouve e a produz, com seu entorno sonoro. Por isso antes de mapear as ocorrências sonoras do local da pesquisa e examina-las à luz dessas ideias, observou-se, descreveu-se e analisou-se manifestações vocais em diferentes épocas, tomando como premissa o comentário de Zumthor, segundo o qual

A voz humana constitui em toda cultura um fenômeno central de modo que ao penetrar o interior desse fenômeno pode-se ver a totalidade do que está na base dessas culturas, na fonte de energia que as anima irradiando todos os aspectos de sua realidade. (2000, p. 13).

A trajetória vocal, estabelecida de forma aleatória, começou pela Bíblia, passou pela Grécia, por Roma, pela Idade Média, abordou, também, ocorrências vocais diversas (situadas em torno dos séculos XVI, XVII e XVIII), focalizou a voz do *Castrati*, pela sua importância à época em que esse fenômeno se deu; foram situadas, ainda, expressões vocais ligadas ao canto nos séculos XIX e XX, bem como manifestações vocais, cantadas ou não, em outras etnias, terminando-se o percurso com eventos sonoros vocais ocorridos no Brasil (nos séculos XIX e XX). Embora se perceba certa cronologia que, por vezes, foi alterada, na maneira de traçar esse “caminho vocal”, esse não foi o foco e, sim, apenas uma escolha do modo de abordagem do material selecionado.

Neste percurso vocal verificou-se que a voz está presente em variadas situações de vida de uma comunidade, estimulando e vivificando a imaginação de seus produtores e

usuários. As pessoas se relacionam com ela de diferentes formas, constroem e partilham representações sociais a respeito dela. Os hebreus cantam a sua libertação e sua cura. Os gregos discursam com uma voz projetada, a fim de alcançar e convencer o público. Os romanos, com seus grandes conjuntos vocais, revelam a onipotência e a suntuosidade de um império dominante. Na Idade Média, as mulheres por meio da voz, com suas canções, procuram de alguma forma, um espaço, numa sociedade que não lhes dava “voz”. Nos romances, a voz dá a ambiência necessária à história narrada. A voz, nos pregões, com suas inflexões e musicalidade, alimenta a mente criativa de compositores, que deles fazem uso em suas obras. A voz dos *castrati* traz à terra os sons angelicais, num ideal de beleza a duras penas conseguido, pela castração. A voz, na expressão artística do século XX, liberta-se do significado da palavra, ao ser utilizada como um instrumento em si mesmo, valorizando-se outros recursos e gestos vocais, que mostram a flexibilidade e tudo mais que a voz está apta a produzir. A voz dos palhaços, em suas chulas entoadas pelas ruas, fazia a alegria da garotada, oferecendo aos menos favorecidos uma oportunidade de deleite e prazer. A voz dos índios Suruí apresentou sonoridades diferentes, quando empregada nos tempos de batalha. A emissão das celebrações foi substituída pelos gritos de guerra, como um sinal de um povo em conflito com aqueles que queriam tomar suas terras. A voz também muda, como se viu, no canto individual (Akia) e no canto coletivo (Ngere) dos índios da tribo Suyá. No primeiro tipo, o que importa é que cada cantor seja percebido por seus ouvintes; na segunda categoria, o que interessa é a voz percebida no ajuntamento. A dualidade do individual e do coletivo se expressa nos cantos desse povo. Essas manifestações mostram como a maneira que as pessoas de uma sociedade empregam a voz indica muitas coisas a respeito de seu pensamento, de suas sensações e de modo de agir; e, também, revelam que ela está presente em diversos momentos (nas festas, celebrações, no trabalho, nas batalhas, nos rituais de passagem, ritos religiosos, nas manifestações artísticas e de rua, entre outras) os quais são significativos pela diversidade simbólica e pelas representações sociais que alimentam sua existência, numa forte rede de significados estabelecidos nas relações dos sujeitos com as experiências vividas em cada uma dessas ocasiões.

A partir de um mapeamento dos sons do bairro, realizado por meio de gravação¹ e questionário, classificou-se os mesmos de acordo com os aspectos referenciais e estéticos,

¹ Os dados obtidos por meio de gravação, foram registrados com gravador R-09 HR da Ediol, nos dias 11, 13, 15 e 17 de julho de 2010, respectivamente, domingo, terça, quinta e sábado. Essas gravações foram realizadas no bairro Jardim Utinga, Santo André, na rua Olegário Mariano (OM); na avenida João Pessoa (JP); na avenida Martim Francisco (MF); na rua Teófilo Otoni (TO); na avenida Sapopemba (SAPO) e na rua do Guaçu (GUAÇU), com duração de 06 minutos cada, nos períodos entre 00h e 06h; 06h e 12h; 12h e 18h; 18h e 24h.

seguindo-se o modelo criado por Schafer (2001, p. 205-07): *sons naturais* – produzidos na natureza, tais como água, ar, terra, fogo, além de sons de animais, pássaros, insetos e animais aquáticos; *sons humanos* – isto é, produzidos pelo homem, entre os quais se incluem os da voz, do corpo e os produzidos pelo vestuário (jóias, roupas, calçados); *sons mecânicos e tecnológicos*, produzidos por máquinas e equipamentos de várias naturezas, aos quais se podem agregar, atualmente, os sons eletrônicos. Com isso pode-se verificar as funções e o significado da voz no contexto estudado, identificando com que frequência a voz aparecia nas gravações ou era citada pelos moradores do bairro no questionário e se ela poderia ser tomada, como um indicador sonoro, com seus desdobramentos simbólicos.

O questionário² foi elaborado de forma semiestruturada, a qual combina questões abertas, de caráter subjetivo, com questões cujas respostas são o resultado de escolhas entre alternativas previamente estabelecidas, o que lhes confere características mais objetivas do que as questões semiestruturadas (RICHARDSON, 1999, p. 198–99). De modo geral, as questões foram elaboradas com o intuito de se obter informações gerais a respeito dos moradores do bairro, sua opinião e percepção geral quanto aos sons de sua rua e entorno dela; bem como quais manifestações vocais lhes chamavam mais atenção – pediu-se que mencionassem pelo menos cinco – ocorridas na sua rua e ao seu redor; pediu-se, também, ao entrevistado, sua opinião a respeito delas e que dissessem o que representa a voz para eles. Ou seja, por meio do questionário visou-se levantar ferramentas para o estudo da voz humana como símbolo sonoro no contexto do Jardim Utinga, compreender como os moradores se relacionam com esse som em meio aos demais, isto é, extrair informações que possibilitassem entender a relação dos moradores com o ambiente sonoro do bairro, de maneira que se pudesse perceber de que modo a voz poderia ser identificada como um símbolo interpretável no contexto cultural em estudo.

² As informações levantadas no questionário foram obtidas a partir das respostas fornecidas por 60 moradores do bairro selecionados de acordo com os critérios⁴² da *amostra intencional* que se constitui por elementos que se relacionam intencionalmente com as características estabelecidas no plano e nas hipóteses formuladas pelo pesquisador (RICHARDSON, 1999, p. 161). Sendo assim, as pessoas que compuseram a amostra, foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios:

1. Ser morador de uma das ruas em que foi realizada a gravação;
2. Estar disponível para realização do questionário no horário entre 14h e 17h. Esclarece-se que esse horário foi estabelecido para não atrapalhar a preparação e o horário de almoço dos voluntários, bem como, devido, à violência no bairro, percebida como mais intensa em horários após às 17h, para não colocar em risco a segurança do entrevistado e do entrevistador.

Os dados obtidos por meio de gravação e questionário foram tabulados e, alguns resultados, serão aqui mencionados, destacando-se entre os sons mecânicos e tecnológicos, os seguintes sons humanos ligados à voz:

1. Gravação: conversa, grito, grito de criança, pigarro, risadas – de criança, de mulher, tosse, voz de criança, voz de homem, voz de mulher, voz de mulher idosa, voz do vendedor de churros, voz do vendedor de frutas, voz feminina com sotaque nordestino, voz masculina cantando na igreja evangélica.
2. Questionário: voz no anúncio, canto, canto da igreja, chamado, choro, conversa, a voz de um crente doido; fala da avó, fala de jovens, gritos de vários tipos, como por exemplo, o grito do Flávio (o “nóia”), os gritos da cunhada, os gritos dos meninos, a voz do guarda, uma mãe cantando, rapaz que briga sozinho no quintal, risada, vendedor de pamonhas, vendedor de pano, vendedor de pão, vendedor de peixe, vendedor de produtos de limpeza; a voz da vizinha gritando, voz rouca.

Com isso pode-se verificar que no Jardim Utinga encontrou-se diferentes eventos sonoros relacionados à voz, que se examinados com maior profundidade, indicam muitas particularidades da comunidade que os ouve ou os produz.

Para se ilustrar o que anteriormente se afirmou, serão abordados alguns exemplos de sons relacionados à produção vocal no contexto pesquisado, enfatizando-os em seus aspectos simbólicos.

A voz na conversa que pode ser ouvida na gravação, por exemplo, pode ter um rico simbolismo da possibilidade de aproximação entre as pessoas, que desejam compartilhar uns com os outros determinado assunto, seja ele qual for; por meio da voz tornam aquele momento um instante de conexão. Essa é uma das possíveis representações de uma voz na conversa, pelas ideias, concepções, sentimentos que podem ser despertados quando ela é ouvida no dia a dia, além da função imediata de comunicação. Ademais, a voz, na conversa, pode ser um som de força centrípeta, por reunir as pessoas em torno dela, como demonstrou Schafer em relação ao som do sino em comunidades remotas (2001, p. 246). As conversas no Jardim Utinga, não são realizadas como na Ágora, na Grécia antiga que, era um espaço de muitas atividades simultâneas, uma espécie de praça que ricos e pobres frequentavam e onde as palavras se dispersavam em meio às atividades concomitantes de corpos em movimento. As conversas no bairro estudado não têm lugar próprio para acontecer e competem, atualmente, com outros sons, sobretudo, mecânicos e tecnológicos, gerados pelas diversas

atividades que ali ocorrem, tais como os de carro, avião, moto, buzina, alarme de carro, freada de carro, maquinários de oficina, entre outros que, com sua intensidade, interrompem as conversas ou estimulam as pessoas a falarem mais alto, mesmo que não tenham consciência disso.

Outro exemplo a destacar é a voz do “crente doido”, apontado por um respondente do questionário. A maneira como esse crente fala fez que seu ouvinte o associasse à figura de um doido. Para esse ouvinte, esse é um som de força centrífuga, que o faz se afastar dele. É uma voz que não tem poder de persuasão sobre esse indivíduo, diferentemente da voz na Eklesia, na Grécia, que servia aos poderes da retórica, nos discursos políticos, persuadindo os ouvintes com sua força de convencimento. O som vocal do “crente doido”, assim categorizado pelo morador, nesse âmbito, simboliza a loucura, o descontrole, o exagero. Essas são as representações acerca dessa manifestação vocal, nesse contexto. É muito provável que, para outras pessoas, a voz do crente não tenha essas representações antes citadas, pois cada homem tem uma maneira própria de conhecer, compreender e interpretar as coisas que o circundam. Ou seja, em cada núcleo social, as pessoas podem formular ideias, pensamentos e convicções distintas a respeito de uma determinada voz que ouvem, como se tem visto no caso de manifestações vocais no Jardim Utinga. Como será que reagiria, a pessoa que mencionou o som da voz do “crente doido”, se ouvisse manifestações vocais de outras etnias? Presume-se que haveria, também, um estranhamento em relação às manifestações vocais desses outros grupos, pois elas não são parte integrante da cultura desse indivíduo, acostumado a sonoridades vocais de seu meio. O que reforça o que já foi dito é que, de acordo com Geertz, em cada agrupamento social, de acordo com sua cultura, que é um sistema entrelaçado de símbolos concebidos por seus integrantes, haverá reações, concepções e pensamentos diversificados a respeito da voz. Esses significados são construídos e disseminados por aqueles que a produzem ou a ouvem, dando-lhes diferentes significados. A multiplicidade de significados é a riqueza do símbolo.

O grito do Flávio (o noia), indicado por um dos moradores entrevistados se configura como um evento sonoro característico das cidades que têm sofrido com o aumento de problemas de ordem social, econômica, como, por exemplo: a criminalidade e as drogas. Diferentemente dos gritos de outros adultos ou crianças, também apontados no questionário pelos respondentes, o grito do “noia” traz às pessoas um temor, separando-as de uma convivência salutar e pacífica. Por esse motivo, sua força é de natureza centrífuga. As vozes do bairro têm-se calado diante de gritos de “noias”, que impedem que as pessoas, por temor, circulem com tranquilidade pelo bairro. Em tempos remotos, como afirma Schafer (2001), o

homem temia o som do vento que sopra onde é ouvido, mas não permite que se saiba de onde vem e para onde irá. Hoje, no bairro pesquisado, as pessoas podem não temer o som do vento, mas temem o som de seu semelhante. Em suma, esse som comparado ao da sirene, inventada na primeira metade do século XX, difunde a angústia e dispersa as pessoas, em seu caminho. Este é um evento sonoro recente na vida da comunidade do Jardim Utinga, que, como um alerta, traz indicativos de problemas sociais, relacionados à criminalidade e às drogas, que as cidades brasileiras têm enfrentado. É o grito de um desesperado, que desespera, também, aos outros. Esse gesto vocal contrasta com os demais sons que ocorrem no bairro e irrompe no silêncio da noite, de forma contundente; e, possivelmente, pode gerar outros eventos sonoros que não produziram ou estimularam sensação de quietude e paz, como trariam, por exemplo, o canto e assobio dos pastores que, como afirma Schafer, tocavam flauta e cantavam uns para os outros, enquanto as horas passavam. De modo semelhante ao que aconteceu com a tribo Suruí nos anos de 1970, os gritos de celebração, de alegria e júbilo, cada vez menos frequentes no bairro pesquisado, dão lugar aos gritos, frutos das preocupações e inquietações de uma sociedade insegura e atemorizada. O grito do noia e a maneira como as pessoas reagem a ele pode ser um indicativo de que algum tipo de desequilíbrio, nos âmbitos social, econômico, psicológico e afetivo, pode estar afetando a vida dos moradores do bairro.

A voz dos vendedores sejam eles de pamonha, frutas, pão, peixe ou produto de limpeza, está presente no bairro. Todas as terças e quintas-feiras, no período da tarde, é possível, por exemplo, ouvir o vendedor de pão que passa num veículo e diz ao microfone: “Pãozinho de coco, pãozinho de leite, pão sovado” com uma voz bastante nasal; ou, ainda, o vendedor de frutas, que também, de forma amplificada diz: “Olha a banana, a melancia, a pera...”, com uma música gravada entre uma fala e outra. Cada um dos vendedores, ao anunciar o seu produto, traz seus pregões, procurando chamar a atenção das pessoas do bairro para o produto que vendem. Apesar do som intenso e constante produzido pelo tráfego de veículos no bairro, sobretudo nas avenidas João Pessoa (JP) e Sapopemba (SAPO), podem-se ouvir esses pregões, principalmente porque estão amplificados por microfone. Esses pregões fazem o pesquisador se recordar de sua infância, quando ouvia dois vendedores que anunciavam seus produtos, à época, sem microfone, na rua do Guaçu. Um era o verdureiro que dizia: “Óia, o verdureeeiro, Óia, o verdureeeiro...”; o outro vendia um tipo de doce, popularmente chamado “quebra-queixo” e dizia: “Óia, o quebra-queeeixo...”. A voz de ambos tinha uma emissão bastante frontal e metalizada, provavelmente para que, em meio a outros sons, pudessem alcançar os ouvidos dos moradores e chamar atenção para o que estavam vendendo. Ao relembrar desses sons, hoje, o pesquisador tem em si o despertar de várias

ideias, emoções, sensações e sentimentos que vão além da funcionalidade deles; quando isso acontece, eles se revestem de simbolismo e desembocam diversas representações que podem estar relacionadas a um sentimento de alegria, de tristeza, de saudade e nostalgia, entre outros. São sons que estão vivos na memória e, por meio deles, é possível recordar experiências significativas, ocorridas naquela época. A voz humana, seja no Jardim Utinga, ou em qualquer outro grupo social, é um elemento integrante da cultura, capaz de despertar em nós as mais variadas sensações, sentimentos e emoções que são construídas e partilhadas em nosso dia a dia.

Concluiu-se que ao se considerar a voz como um evento sonoro de múltiplos significados e de intensa riqueza simbólica, em um espaço sonoro, valoriza-se uma dimensão qualitativa, ligada a valores culturais, sociais, psicológicos, naturais que envolvem a dimensão humana do ambiente.

O entendimento dos aspectos simbólicos da voz no Jardim Utinga foi ampliado pelo exame de outras manifestações vocais de diferentes povos e épocas, evidenciando que a voz ocupa um espaço central em qualquer que seja a cultura, de modo a entender o que está nas suas raízes, percebendo-se as ideias, pensamentos e sensações reveladoras de importantes aspectos da realidade desses grupos sociais.

Finalmente com esse estudo, constatou-se que a observação, descrição e análise da voz, integrada ao meio e às pessoas que a produzem e a ouvem, fundamentadas pelos conceitos de *simbolismo sonoro*, *símbolo significante* e *representações sociais*, seja no Jardim Utinga ou em outra localidade, estabelecem caminhos para uma **Antropologia da Voz** que revela o homem e suas conexões com o outro e os demais seres vivos, por intermédio da emissão vocal. São conceitos que permitiram compreender o que pensam os moradores do bairro acerca das vozes que os rodeiam e como se relacionam com ela em meio ao contexto sonoro em que vivem. Por meio da voz, compreende-se o que as pessoas dizem de si mesmas; o que elas fazem e quais seriam as razões que as movem a fazer o que fazem. Quando o homem abre sua boca e dela sua voz eclode, sabe-se quem ele é, porque a voz ultrapassa o dito e revela não apenas o não dito, mas, também, o próprio dono da voz. Com isso, pela escuta acurada e cuidadosa da voz e de seus rastros, sabe-se quais são seus medos, seus anseios; suas alegrias e tristezas; enfim, sua sensibilidade, bem como seu modo de pensar e de agir; as diferentes formas com que lida com as questões de seu cotidiano; além de se conhecer, também, como ele se relaciona com o mundo, consigo mesmo e com o outro.

Referências

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. Rio de Janeiro, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 6ª. Edição. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1997.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*; editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Quareschi. 5ª. ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social – métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.
- SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: UNESP, 2001.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.